

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

EDITAL

5º CONCURSO MUNICIPAL DE ILUSTRAÇÃO DOS LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL EDIÇÃO 2015

A Prefeitura de Ponta Grossa, através da Fundação Municipal de Cultura e do Conselho Municipal de Política Cultural, com a finalidade de estimular o trabalho de ilustradores para literatura, institui o edital que regulamenta o Concurso Municipal para selecionar ilustradores para os livros do Concurso de Literatura Infantojuvenil para o ano de 2015, atendendo as políticas culturais do Município aprovadas nas Conferências Municipais de Cultura.

REGULAMENTO

- 1- Poderão participar ilustradores residentes em Ponta Grossa, maiores de 18 anos.
- 2- Cada participante poderá enviar 01 (um) projeto original de ilustração em cores, contendo capa, estudos de personagens e estudos de cenário (não serão aceitas cópias, plágios, etc) - os desenhos deverão ser identificados por um pseudônimo;
- 3- O projeto de ilustração deverá ser realizado a partir de um dos seguintes textos:
 - **CATEGORIA 1** (para leitores iniciantes de 05 a 07 anos) com ilustrações sobre LENDAS FANTÁSTICAS cujos assuntos e personagens girem em torno do universo imaginário; a obra, uma vez publicada, terá mais ilustrações e menos textos.
Texto proposto: “A História do Ursinho Meio Branco Meio Bege” de Tatiana Campos Batista (2011).
 - **CATEGORIA 2** (para leitores em processo de 08 a 10 anos) com ilustrações sobre LENDAS LÚDICAS cujos assuntos e personagens girem em torno de brincadeiras e situações, apresentado de forma a estimular o envolvimento do leitor; a obra, uma vez publicada, terá ilustrações criativas, visando o imaginário do enredo.
Texto proposto: “As Outras Frangas” de Róbison Benedito Chagas (2010).
 - **CATEGORIA 3** (para leitores fluentes e críticos de 11 a 13 anos) com ilustrações sobre LENDAS DE EFEITO cujos assuntos e personagens girem em torno de situações de confronto e dificuldades, exercitando a participação do leitor na compreensão da mitologia e da simbologia e suscitando interesse no leitor pela história; a obra, uma vez publicada, terá ilustrações mais esboçadas do que finalizadas.
Texto proposto: “O Mistério na Cidade de Pedra” de Edi Tozetto (2010).

PREMIAÇÃO

- 4- Serão selecionados 06 (seis) ilustradores que receberão o valor de R\$ 1.400,00 (hum mil e quatrocentos reais) cada para ilustrar uma das histórias vencedoras do Concurso Nacional de Literatura Infantojuvenil 2015.

INSCRIÇÕES

- 5- As inscrições estarão abertas de 17 de Agosto a 16 de Outubro de 2015, enviadas via Correios ou pessoalmente dentro dos mesmos parâmetros;
- 6- O interessado deverá encaminhar as ilustrações em envelope (tamanho folha A4), sem identificação pessoal, de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 14h às 19h, com o seguinte endereçamento:

CONCURSO MUNICIPAL DE ILUSTRAÇÃO DOS LIVROS DE LITERATURA
INFANTOJUVENIL - EDIÇÃO 2015
ESTAÇÃO ARTE
SETOR DE ARTES VISUAIS
RUA BENJAMIN CONSTANT, Nº 404 CEP 84010-010
PONTA GROSSA - PR

7- Em envelope menor, lacrado, dentro do envelope maior, anexar as seguintes informações:

Na Parte Externa:

- a. nomeação do concurso e categoria(s) da inscrição
- b. pseudônimo

No Interior:

- c. nome e endereço completos
 - d. telefones e endereço eletrônico para contato
 - e. fotocópia de comprovante de residência em nome do inscrito
 - f. fotocópia da cédula de identidade e CPF
 - g. breve biografia pessoal de até 10 linhas
- (os documentos acima serão necessários para o processo de pagamento dos prêmios)

JULGAMENTO

- 8- Os trabalhos apresentados pelos ilustradores serão julgados por uma comissão de pessoas de reconhecido conhecimento na área das artes visuais, indicada pela Fundação Municipal de Cultura e pelo Departamento de Artes Visuais, cuja decisão será soberana, à qual não cabem recursos sobre o resultado do concurso.
- 9- A Comissão Julgadora tem o direito de não selecionar o(s) concorrente(s), que não tenha(m) apresentado qualidade técnica e artística compatível com a proposta deste edital.
- 10- Os selecionados serão conhecidos em 19 de Outubro de 2015.

REALIZAÇÃO DO TRABALHO

- 11- Os ilustradores selecionados terão prazo de 45 (quarenta e cinco) dias para entregar o trabalho finalizado, a contar da data em que receberem os respectivos textos.
- 12- Os ilustradores trabalharão em conjunto com os autores dos textos e com os organizadores da coletânea;

PUBLICAÇÃO

- 13- As ilustrações farão parte dos livros que serão publicados impresso e/ou digitalmente (Ebook), pela Fundação Municipal de Cultura no 1º semestre de 2016.
- 14- Das publicações quando impressa, os exemplares de cada história publicada será distribuída gratuitamente em bibliotecas, escolas, instituições e para críticos literários.
- 15- Os livros poderão também ser publicados em versão digital e disponibilizados para leitura via internet.

DISPOSIÇÕES FINAIS

- 16- As inscrições fora das normas do concurso não serão aceitas.

- 17- Não poderão participar do concurso funcionários da Fundação Municipal de Cultura e integrantes do Conselho Municipal de Política Cultural de Ponta Grossa.
- 18- As cópias da(s) ilustrações(s) e os demais documentos entregues na inscrição não serão devolvidos após o concurso.
- 19- É de responsabilidade exclusiva do concorrente a observância e regularização de toda e qualquer questão relativa a direitos autorais sobre a ilustração realizada.
- 20- Este edital atende ao disposto na Lei Federal nº 9.610 de 12/02/1998 sobre direitos autorais.
- 21- Os autores selecionados automaticamente autorizam a publicação das ilustrações, nas versões impressas e digitais dos livros, dentro das regras do concurso.
- 22- Os selecionados concordam e permitem a divulgação de seu nome e imagem para a divulgação do concurso, sem qualquer ônus para os realizadores.
- 23- A Prefeitura Municipal é detentora dos direitos patrimoniais das ilustrações produzidas por este concurso e poderá utilizá-las da forma que for conveniente;
- 24- Os participantes declaram estarem cientes e de acordo com este regulamento.
- 25- Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela Fundação Municipal de Cultura.

Paulo Eduardo Goulart Netto
Presidente
Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa

CRONOGRAMA

Inscrições: de 17 de Agosto a 16 de Outubro de 2015

Julgamento: 17 de Outubro de 2015

Realização das Ilustrações: prazo de 45 dias a contar do recebimento do texto selecionado.

CATEGORIA 1

A HISTÓRIA DO URSINHO MEIO BRANCO MEIO BEGE de Tatiana Campos Batista

Era uma vez, uma Loja de Brinquedos muito grande e muito bonita, que ficava na rua mais movimentada da cidade e tinha como dono um senhor, que trabalhou com brinquedos a vida toda. Apesar de trabalhar com brinquedos ele nunca tinha brincado com nenhum deles, e por isso, não sabia que para quem brinca, os brinquedos tomam vida.

(QUAL O NOME QUE VOCÊ DARIA PARA A LOJA DE BRINQUEDOS? ESCREVA AQUI NO LETREIRO DA LOJA)

Essa Loja de Brinquedos era muito especial. Era lá que poderia se achar todos os tipos de brinquedos, para todos os tipos de crianças. Tinha bonecas de todos os tamanhos, carrinhos de todas as cores, jogos de todos os tipos e vários bichinhos de pelúcia.

(VOCÊ QUER COLORIR OS BRINQUEDOS QUE TINHA NA LOJA?)

Dentre todos os brinquedos da loja, tinha um muito especial. Era um ursinho, pequeno, meio branco, meio bege, com pequenas orelhas brancas e um laço de fita marrom amarrado cuidadosamente no pescoço como se fosse uma gravata borboleta.

Só que, desde que ele chegou na Loja de Brinquedos, ninguém nunca quis comprá-lo. Uns dizem que era por causa do tamanho, afinal, quem iria querer um ursinho de pelúcia tão pequeno? Outros diziam que era por causa de suas pernas – ele tinha uma perna maior que a outra. Mas nada disso importava, já que todos diziam que ele não iria conseguir brincar com nenhuma criança.

(VEJA COMO ERA O URSINHO E DESENHE NELE A GRAVATA BORBOLETA MARROM – ELA É ASSIM:)

O Ursinho meio branco meio bege, apesar de nunca ser comprado, prestava muita atenção no que as pessoas que entravam na Loja de Brinquedos falavam. Ele aprendeu sobre o carinho das crianças pelos brinquedos, e sempre sonhou em ter uma criança com quem pudesse viver muitas aventuras.

Entra ano e sai ano, o ursinho meio branco meio bege ficou vendo os outros brinquedos entrarem e serem comprados da Loja de Brinquedos. Todos os seus antigos amigos, e os novos também foram sendo escolhidos por crianças ou por pessoas que os dariam para uma criança e iam e o ursinho ficava.

Uns anos depois, o dono da Loja de brinquedos, achando que o Ursinho meio branco meio bege nunca mais seria comprado por ninguém, colocou ele na prateleira mais alta do mais distante canto da loja. Era um lugar meio escuro e cheio de poeira, de onde o ursinho ao podia ver a entrada da loja, nem mesmo do lugar onde ficava as caixas de presentes, que era o lugar mais bonito e enfeitado da loja.

(AS CAIXAS DE PRESENTES NÃO ESTÃO COMPLETAS, FALTA COR E LAÇOS DE FITAS. VOCÊ QUER ENFEITAR AS CAIXAS PARA ELAS FICAREM BONITAS?)

Em uma noite de verão, quando já não havia mais ninguém na Loja de Brinquedos, começou um incêndio no porão, que se espalhou rapidamente para onde os brinquedos dormiam. O Ursinho meio branco meio bege, por ser mais velho e ter aprendido muita coisa com os humanos, disse para os outros brinquedos

que eram novos e não conheciam nada dos humanos para saírem rápido, mas com calma da Loja, para que nenhum deles se machucasse correndo ou se queimarem.

Logo que acabou de falar com os outros brinquedos, o Ursinho meio branco meio bege, que também era muito inteligente ligou para os bombeiros do telefone da loja, para que eles viessem ajudar a apagar o fogo.

(VOCÊ SABE LIGAR PARA OS BOMBEIROS SE ALGUÉM DA SUA CASA ESTIVER PASSANDO MAL OU SE TIVER UM INCÊNDIO? VAMOS PEDIR PARA UM ADULTO ENSINAR COMO LIGAR? MAS NÃO SE ESQUEÇA: NÃO PODE LIGAR DE BRINCADEIRA, SÓ SE FOR SÉRIO OU UM ADULTO PEDIR

- ESCREVA AQUI O NÚMERO DOS BOMBEIROS PARA VOCÊ NÃO ESQUECER)

Só que teve um problema. Dentro da Loja tinha uns brinquedos que não tinham pernas ou rodas, e não estavam conseguindo sair sozinhos de lá. Como o ursinho meio branco meio bege além de muito inteligente também era um ursinho bom, não queria que seus amigos se queimassem. Então ele ajudou todos os brinquedos que estavam na loja a fugirem do fogo; entrando e saindo, o Ursinho foi carregando ou puxando um por um, até que todos estivessem salvos no outro lado da rua em que ficava a Loja de Brinquedos.

Mas da última vez que ele entrou na Loja para ajudar o tabuleiro de damas que estava já bem pertinho do fogo, acabou queimando um pedacinho do braço, da orelha e da perna direita. Mas por sorte não queimou muito, ficando só um pouco chamuscado.

(DESENHE A ÀGUA SAINDO DA MANGUEIRA DOS BOMBEIROS, AJUDANDO A APAGAR O FOGO)

O dono da Loja de Brinquedos, quando viu todos os brinquedos a salvo do outro lado da rua, ficou muito feliz, mas achou que os bombeiros tinham feito isso; e quando viu o Ursinho meio branco meio bege todo chamuscado e molhado pela água que saía das mangueiras dos bombeiros parado em frente à loja, achou que o ursinho estava estragado de vez, e sem pesar duas vezes, jogou ele na lata de lixo.

O Ursinho ficou dois dias dentro da lata, até que os lixeiros vieram recolher o lixo. Era uma noite de chuva e escura, e ele acabou caindo quando puxaram o saco de lixo que estava debaixo dele, caindo no chão. Mas como estava escuro, não viram que ele estava caído. E o ursinho ficou caído no chão à noite toda.

(PARA O URSINHO NÃO SE SENTIR TÃO SOZINHO, CANTE UMA MUSIQUINHA PRA ELE)

De manhã, o ursinho não acordou se sentindo sozinho, porque de noite ele tinha sonhado com uma musiquinha muito legal, e também sabia que em algum lugar daquela cidade havia algum amiguinho que iria encontrá-lo e eles ficariam juntos para sempre.

Decidiu então ir andando até o parque, que ele sabia graças a senhora que ficava no caixa, que ficava bem no fim da rua. E lá se foi, um ursinho, meio branco meio bege, de uma perna maior que a outra e de pé, braço e orelha chamuscada em direção ao parque.

(O QUE VOCÊ ACHA QUE O URSINHO PODE ENCONTRAR NO PARQUE? DESENHE OU ESCREVA AQUI)

Quando chegou no parque, o ursinho encontrou um lago bem grande, e dentro do lago havia muitos patos, peixes e flores que boiavam na água, mas não tinha nenhuma criança. Ele passou pela ponte que

cruzava o lago e dava em um caminho cercado por árvores. Neste caminho tinha muitas flores e pássaros cantando, mas nenhuma criança.

Até que o Ursinho meio branco meio bege chegou no campo que ficava dentro do parque. Lá tinha muitas crianças que brincavam com seus brinquedos. Tinha um menino de blusa azul que corria puxando a cordinha de seu carrinho vermelho; uma menina que penteava os cabelos amarelos de sua boneca.

Muitas crianças passaram perto do Ursinho, mas nenhuma olhou ou pensou em pegá-lo para brincar. Até que ele viu uma criança sentada em um banco.

(COMO ERA ESSA CRIANÇA? ERA MANINO OU MENINA? QUAL ERA O NOME DA CRIANÇA? COLE AQUI UMA FOTO OU DESENHE A CRIANÇA)

A criança não estava brincando com nenhum brinquedo e por causa disso não estava se divertindo. O Ursinho meio branco meio bege parou bem perto do pé _____* (NOME QUE A CRIANÇA ESCOLHEU), que logo olhou e sorriu e o ursinho também sorriu.

Sorriram porque souberam que tinham se encontrado, que entre milhões e milhões de crianças e brinquedos eles tinham sido feitos um para o outro. A criança não se importou do Ursinho ser meio branco meio bege, não se importou do Ursinho ter uma perninha maior que a outra, não se importou do Ursinho ter uma perna, um braço e uma orelha chamuscada.

Não que a criança não tenha visto tudo isso. Sim, ela viu, mas viu além disso. A criança viu o que havia dentro do coração do Ursinho. Porque quando se ama, como ela passou naquele mesmo instante a amar o Ursinho, você não liga para como quem você ama se parece, ou como se veste, ou com o que tem. Você só vê o amor e a amizade, que é o que realmente importa.

A partir desse dia, criança e o Ursinho tinham se tornado os melhores amigos, e sabiam que juntos iam viver muitas aventuras, porque é isso que fazemos com nossos verdadeiros amigos: aceitamos, amamos e nos divertimos muito!

MAS ESSA HISTÓRIA NÃO TEM FIM, SE VOCÊ QUISEER CONTAR OU DESENHAR UMA DAS AVENTURAS DA CRIANÇA E DO URSINHO PODE USAR ESTA PÁGINA EM BRANCO PARA FAZER ISSO.

As Outras Frangas

RÓBISON BENEDITO CHAGAS

**1º Lugar no Concurso de Literatura Infantil “Almir Correia”
(edição 2010) da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa – Paraná
12 de junho de 2010**

**Inventar é uma das melhores coisas que tem no mundo.
(Caio Fernando Abreu)**

Nota explicativa

No ano de 1988 o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu escreveu um livro para crianças chamado “As frangas”, belíssimo livro que conta a história de suas frangas. Lá pelo final do livro Caio escreve: “Se você quiser, invente uma história e mande pra mim. Se for história de franga, melhor ainda. Prometo ler pra elas ouvirem. E, se você não tem um pátio enorme nem um galinheiro de verdade, também pode inventar um em cima da geladeira ou em qualquer outro cantinho. Eu gosto muito quando acordo de manhã e vou fazer café na cozinha. Aí as oito frangas cacarejam e repetem assim, oito vezes, uma cada uma: Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia! Bom dia!”

Então, resolvi inventar uma história de frangas, ou de galinhas, ou de aves... sei lá. Caio já não está aqui para ler, mas há milhares de crianças que poderão ler e se apaixonar por galinhas, como eu. Todas as minhas frangas são fruto da minha imaginação, porém são vivas, porque habitam a minha mente.

Havia um menino que morava num pequeno distrito no interior, lugar com pouco mais de mil habitantes, lugar no qual não há quase nada para fazer, especialmente meninos de oito ou nove anos de idade. Brincar era só o que ele queria: de carrinho de carretel, de escorregar pelos barrancos sobre um papelão... de caçar formigas saúvas e subir nas jabuticabeiras e recolher os ovos das galinhas que botavam nas moitas, no meio do quintalão que havia em sua casa. Ah... gostava também de ler os seus primeiros livros de histórias. “A estrela que caiu do céu”, que a prima mandara do Rio de Janeiro ou “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, que a mãe comprara na antiga Livraria Brasil, na maior avenida da cidade. Ele ainda não era um bom conhecedor das palavras, mas sabia as histórias de trás pra frente de frente pra trás porque ficava muito atento quando as irmãs ou a mãe liam para ele. Decorava tudo e depois lia lia lia lia lia sem parar sem parar sem parar sem parar....

Um dia começou a prestar atenção nas atitudes das galinhas no quintal. Eram aves silenciosas... só falavam (ou cacarejavam) quando necessário ou para anunciar que botaram um ovo. Gritavam desesperadamente. Botei! Botei! Botei! Botei! Botei! Botei! Outras galinhas que não botavam, ficavam morrendo de inveja e o galo ficava ouriçado, inquieto, ainda assim festejavam alguma coisa que eles nem sabiam o que era... mas festejavam... e era só.

Depois silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio... o barulhinho era apenas o de bicar um inseto aqui outro ali, um milho aqui outro acolá... no resto do tempo eram muito pacíficas... quietinhas. Mas eram lindas, todas caipira. Vermelhas, amarelas, pardas, carijós, pretas, algumas gordas outras magras, umas mais altas outras mais baixas. Algumas desfilavam como essas modelos das passarelas, altivas e felizes. Será que galinha é feliz? Agora me bateu uma enorme

dúvida, meu caro leitor. Poderá dar a sua opinião? Serão, as galinhas, felizes? Bem, se as galinhas são felizes ou não, isso só diz respeito a elas e aos outros habitantes do galinheiro. Respeitemos a vida galinácea.

galinhas felizes de bicada em bicada papam letrinhas e insetos

No galinheiro do menino havia muitas galinhas. Algumas tinham nome, outras não. A Aurora era amarela, esguia tinha penas longas e adorava ficar empoleirada no portão do galinheiro observando quem passasse. Tinha olhos expressivos, grandes... mas era boba como toda galinha. Silenciosa. Pensava, pensava só com os seus botões e não dividia suas ideias com as demais. Morria de medo do Sultão, um cachorrão preto que ficava solto pelo quintal, só de brincadeira corria atrás das galinhas, dos patos, dos marrecos, só não corria atrás dos gansos porque esses eram muito mais ferozes que uma onça. Por isso Aurora ficava o tempo todo sobre o portão, assim não corria o risco de ter de correr correr correr correr daquele cachorrão horroroso. A Manuela era preta, como carvão, crista bem vermelha e pernas curtas, corria sem parar por todo o quintal, ora de brincadeira com o cachorrão, ora corria porque só queria correr. Ora bolas! Não precisa explicar. Corria porque tinha pernas boas de correr... ainda que fossem curtinhas. Manuela era amiga de Edite, uma galinha velha, toda faceira e muito sábia, vivia dando conselhos à amiga, que esta não se embrenhasse na mata para botar, que botasse ali mesmo nas moitas do quintal, pois lá fora é perigoso, há muito gambá nas redondezas e eles adoram uma penosa. Manu se arrepiava toda ao ouvir isso, não queria morrer nem mesmo deixar de correr com o cachorrão, por isso ouvia atentamente a amiga e a obedecia. Edite, por sua vez, adorava fugir, batia as asas e vaptttttttttt... pulava a cerca e num voo curto alcançava a liberdade. Ia direto para a chácara de seu Mário e dona Margarida, padrinhos do menino; lá havia muitas galinhas festeiras e um galo de tirar o fôlego, o Galão, como era conhecido. Penas muito coloridas, uma crista de fazer inveja, esporas "enóóóóóórmes", mandava em tudo e em todos, se alguém chegasse ao galinheiro para levar uma galinha para a panela ele não deixava, protegia com unhas e dentes as suas companheiras, embora galinhas não tenham dentes... Essa é só uma forma de se expressar em nossa língua.

Enfim, Galão era o rei daquelas paragens, vivia a cantar mesmo que fosse ao meio-dia. Anunciava sempre que estava em alerta. As galinhas dele viviam felizes porque eram bem protegidas, não é à-toa que Edite não saía de lá... era apenas uma galinha passeadeira. Um dia de muita festa, morreu um galo na vizinhança. Edite era apaixonada por esse galo, não sei o nome dele. Mas Edite sentiu muito.

noite de luz a galinha arrumou-se toda para a missa do galo

Edite pintou o bico, colocou brincos de princesa, óculos escuros para disfarçar as lágrimas e foi, como se fosse viúva, à missa do galo. Não esqueceu a bolsa a tiracolo nem algumas balas de milho para chupar no caminho. Fez seu dever de galinha solidária e agora solitária.

Voltando então ao quintal da casa do menino encontramos outras tantas, mais de trinta. Cecília era branca, como a Branca-de-Neve, olhos amarelos e umas atitudes esquisitas para as companheiras, quase não falava como as outras, porém adorava ficar na janela do quarto do menino, não botava, achava um desperdício esforçar-se tanto para nada. O que ela gostava mesmo era de ler os livros de histórias que havia no quarto do menino. Eram tantos: Assim que

ele se levantava e ia para a escola, ela saía apressadinha e pulava na janela do quarto e se instalava por lá, às vezes na ponta da cama, aonde sempre havia um livro esquecido pelo menino. Dava uma ciscadinha com os pés e a página virava e ela lia que lia que lia que lia... aprendera a ler ainda muito pintinho, às vezes davam macarrão de letrinha para ela comer...

**galinha leitora
de ciscada em ciscada
nova história na goela**

foi acumulando as letras na moela e de tanto guardar, um dia tinha todas as letrinhas em sua mente... para ler foi um pulo... antes de ficar adulta já conhecia todas as palavras boas e as ruins também. Por isso não dispensava um bom livro de histórias. Um dia pode ler “A vida íntima de Laura”, livro escrito por uma grande escritora chamada Clarice Lispector. Era a história de vida de uma galinha chamada Laura. E Cecília ficava sonhando... ah... se um dia escrevessem a história dela. Afinal merecia, a história poderia chamar-se assim “A vida branquinha de uma galinha branca” ou “A alva história de Cecília, uma galinha asseada”. Ou sei lá! Apenas, “A história de Cecília, a galinha que sabia ler”. Seria um belo livro, ilustrado por Rubens Matuck, um grande ilustrador de livros infantis. Mas eram apenas sonhos de uma galinha que pensava muito que lia e sabia-se culta, inteligente... como o menino daquela casa.

Enfim, todas as outras frangas se destacavam naquele galinheiro porque hora ou outra havia uma confusão: Dona Mariquinha, bisavó do menino, às vezes resolvia fazer um ensopado de franga, ou assar uma bem gorda com farofa e nem precisava ser data especial, bastava ela estar com vontade ou chegar alguma visita para o almoço... e então, era um deus-nos-acuda... era galinha pra todo lado, correndo, gritando, tentado voar... algumas desmaiavam outras rezavam para São Francisco de Assis para não serem pegadas, outras pedindo socorro ao Galão e, no fim das contas... alguma era escolhida.

**galinhas aflitas
pra ficarem longe da panela
rezavam a São Francisco**

Coitada dessa, o Sultão ficava abanando o rabo pertinho de dona Mariquinha que já vinha com o facão e uma chaleira de água fervente para depenar a vítima. Muitas eram mortas e comidas com farofa, saladas e um arroz delicioso que dona Mariquinha fazia. Mas eram tantas tantas tantas frangas que uma, neste domingo, e outra, no meio da semana, não fazia falta nenhuma... as galinhas se prestam a isso, para serem comidas... o menino tinha pena de ver as penosas irem para a panela uma a uma, mas na hora do almoço ele lambia os beiços e logo esquecia...

Essas frangas todas nem eram compradas, sempre alguém presenteava o menino e dona Mariquinha com uma: uma comadre uma vez levou uma, ainda pintinho, com o bico quebrado que fazia dó, mas foi cuidada tão bem que sobreviveu, era amiga do menino e quando cresceu descobriram que não era uma franga aquela que fora um pintinho de bico quebrado, tornou-se um belo frango, de penas vermelhas, e quando cantava o som era muito engraçado porque lhe faltava um pedaço do bico. Ainda assim, com meio bico, vivia dando bicotas nas franguinhas mais novas. Era amado por todas porque era galante, forte e também sabia proteger todo o galinheiro. Heleninha era sua preferida, uma carijó que chegou lá ainda bem menina, cresceu perto do Bico Quebrado (assim ele era chamado), sempre passeavam juntos pelo quintal, era só pura amizade... caçavam insetos, ciscavam o milho e as sementinhas que ora encontravam e se divertiam escolhendo letrinhas no meio do quintal, havia tantas letrinhas espalhadas que aquele quintal parecia um grande dicionário. Também corriam muito com o cachorrão preto. O galinheiro foi crescendo tanto que Dona Mariquinha perdeu as contas de quantas galinhas existiam ali; o

O MISTÉRIO NA CIDADE DE PEDRA

de Edi Tozetto

O passeio da escola estava marcado. Confesso que tínhamos esperado por ele o ano todo. Planejamos mil coisas. Iríamos nos divertir muito. Junto com os alunos das sétimas séries – isso mesmo estou na 7ª série – iriam a professora Magali (gatinha), o professor Felipe (água morna) e o professor Pedro, este sim, cara gente boa pra caramba. Sabe aquele professor amigo, amigo de verdade? Que conversa, bate bola e nunca dá conselhos ou lição de moral? Pois então, ele é assim. Nossa! A euforia é tanta que esqueci de me apresentar. Eu sou o Guilherme, tenho 13 anos, muito bem vividos. Gosto de jogar futebol. Treino sempre que dá. Às vezes minha mãe não deixa por causa das provas, mas sempre tiro notas boas. Quer dizer... Quase sempre, mas isso não interessa, afinal quando crescer serei um Robinho da vida.

Com as meninas não dou muita sorte. Sei lá, é tão difícil adivinhar o que elas pensam. Esses dias achei que a Sibeles estivesse na minha. Sabe quando a gata dá a maior bandeira? Pois é. Uns amigos deram a maior força, e eu – babaca – fui falar com ela. Levei a maior cortada, maior fora. Tudo bem. Não fiquei chateado, parti pra outra. Só que a próxima da lista já tinha um outro interessado e eu não sabia. Resultado: um olho roxo.

Decidi pelo menos até o passeio da escola não ficar com nenhuma menina. Deve ser chato ter que ir ao passeio sabendo que alguém vai estar no seu pé. No entanto, se a Larissa me desse bola... Nossa, ela valeria a pena até no passeio. Só que ela é tão estranha, às vezes olha para mim, outras finge que não me vê. Por isso prefiro ficar sozinho mesmo, não vou investir de novo e levar outro fora, não vou não. Se ela estiver a fim que venha falar comigo.

Pois então, esse sou eu.

Voltando ao passeio. Ele será amanhã. Iremos passar o dia todo no parque de Vila Velha. A professora leu a lenda pra gente.

Confesso que eu viajei naquela parte que fala [... Numa tarde primaveril, Aracê veio ao encontro de Dhui trazendo uma taça de uirucuri (licor de butiás) para embebedá-lo. No entanto o amor já tinha tomado conta do seu coração, não conseguindo assim completar a traição. Decidiu, então, tomar a bebida junto com seu amado, e os dois se sentaram à sombra de um ipê. Tupã logo descobriu a traição de seu guerreiro e furioso provocou um terremoto sobre a região...]

Fiquei me imaginando o índio. Só que eu seria um índio mais esperto. Quebraria a taça com o licor, fugiria, salvaria minha linda Aracê Poranga e viveríamos felizes para sempre.

Quando comentei isso, meus amigos, o Lucas e o Paulo, riram da minha cara. Babacas. Parece até que não sabem sonhar.

Bem, índio ou não, estou indo ao local onde tudo aconteceu. Parece incrível. Eu nasci e sempre morei aqui em Ponta Grossa, no entanto meus pais nunca me levaram até o parque de Vila Velha. É estranho, mas os pontos turísticos de nossa cidade não parecem tão importantes.

A viagem vai ser amanhã. Acho que nem vou dormir esta noite. Já aprontei minha mochila. Refrigerante, salgadinhos, chicletes, chocolates... claro, depois de muita briga com a minha mãe e da promessa de também comer os lanches que ela preparou.

Estou levando também minha lanterna e minha bola de futebol, vai que dá tempo de bater uma bolinha, nunca se sabe. A professora Magali pediu que levássemos também protetor solar. Sabe como é, o câncer de pele está aí e é melhor prevenir desde cedo.

- Guilherme! Bom dia, meu filho! Levanta, seu pai vai levá-lo ao colégio.

Pela primeira vez pulei da cama, tomei banho, café, sem reclamar e sem me atrasar.

- Olá, Guilherme! Seja bem vindo! Falou o professor Pedro.
- Bom dia professor! Animado?
- Muito e você?
- Nossa! Eu estou que não me agüento!
- Legal! Entre que seus amigos já estão no ônibus.

Entrei voando. Queria pegar uma poltrona na janela. – Vocês não vão acreditar. Todas as poltronas nas janelas estavam ocupadas. Bando de fominhas, parece até que dormiram na porta do colégio. Lembrei do Marcos e fui falar com ele.

- Marcos, deixa-me sentar aí. Deixa?
- Por que deixaria? Chegou atrasado, azar!
- Eu te dou dois chocolates.
- Quatro!
- Tá bom, quatro. – Cara guloso, nunca vi igual, parece que nasceu só para comer. Tudo bem estou na janela.

Antes de o ônibus sair, o professor João passou as normas. Parecia um general dando ordens e mais ordens. Confesso que nem escutei direito, meu pai já tinha rezado o catecismo enquanto me levava para o colégio. Sabia que precisava me comportar, caso contrário... bem, vocês já podem imaginar.

O trajeto foi super tranquilo. Cantamos, rimos... as janelas abertas deixavam entrar um ventinho gostoso no rosto da gente. Só que aquele ventinho acabou. O babaca do Rafael, quando o ônibus parou no semáforo perto do clube Homens do Trabalho, resolveu cuspir pela janela e por pouco não acerta o carro que estava ao lado. Não preciso dizer que o professor João ficou doido. Mandou todo mundo fechar a janela. Por causa de um todos pagam. Já repararam que é sempre assim? Um apronta todos levam sermão. O Rafael olhou pra gente com a maior cara de tacho. Ele sabia que teria troco. Chegamos ao parque. Nossa ele é imenso. Bem maior do que eu imaginava quando passávamos pela estrada indo e vindo de Curitiba.

Mal o ônibus estacionou foi uma correria danada para querer descer. Lá vem o professor João de novo, sempre ele. Fez os meninos ficarem no ônibus, mandou as meninas descerem e tivemos que descer um a um, igual fila de quartel. Menina sempre se dá bem. Que raiva! Mas eu não podia ficar remoendo mágoas. – Nossa! Falei bonito agora. O passeio estava todo pela frente. Depois das instruções que o professor Pedro deu, de termos prometido segui-las, iniciamos o passeio. Ele falou também que, se desse tempo, passaríamos na volta pela Lagoa Dourada.

Fui olhando tudo atentamente, enquanto a professora Magali explicava que as formações lembravam uma cidade em ruínas, com torres, castelos e formações diversas, que sob certo ponto de vista e dependendo da imaginação do observador mais sonhador, formavam cavalos, camelos, seres mitológicos como dragões, unicórnios, além das mais estranhas figuras que muitas vezes parecem flutuar no ar desafiando as leis da gravidade.

Ela falou também que os arenitos da Vila Velha foram basicamente formados pela ação da chuva. Que a coloração das rochas é avermelhada semelhante a tijolos. As alturas médias das colunas de pedras e muralhas chegam a vinte metros. Em alguns pontos podem chegar a trinta metros ou mais, por causa do terreno acidentado. Os arenitos de Vila Velha com sua coloração avermelhada, dependendo da hora do dia, da luz do Sol e da época do ano, ficam com uma aparência e coloração semelhante à mostrada em fotografias pelas naves norte-americanas que pousaram em Marte.

Pedi que observássemos as diversas figuras que se formavam. O Cálice, a Bota, a Cabeça de Camelo e a Esfinge. Comentou ainda das formações que lembram cogumelos dos mais diversos tipos e tamanhos, cabeças semelhantes às cabeças dos índios, tartarugas, fendas cujo formato interno lembram à garrafas, paredes de pedra que lembram muralhas de castelos, torres de diversos formatos e alturas, de geometria variável. Formações estranhas que não parecem ser deste planeta.

Ela completou que tinha retirado a lenda e todos esses dados do site www.pontagrossa.pr.gov.br/vvelha e que quando voltássemos poderíamos acessá-lo para ter mais informações. Tudo muito lindo. Não cansava de olhar aquelas formações. Como a natureza é sábia. Tantos

segredos, tantos mistérios... Quando chegamos perto do cálice ela disse que poderíamos lanchar. Eu, o Paulo e o Lucas sentamos embaixo de uma árvore bem pertinho do cálice. Começamos a comer despreocupados, quer dizer, o Paulo já tinha comido todo o lanche dele e filava meu chocolate. De repente ouvimos um estrondo muito forte. Parecia que o chão estava tremendo. Agarrei minha mochila. Não deu tempo para mais nada. No chão abriu um buraco enorme e fomos puxados para dentro. Lembro que comecei a gritar mas parecia que ninguém me ouvia. Sabia que o buraco tinha acabado porque senti uma dor danada no traseiro. Tinha caído sentado e o Paulo e o Lucas caíram sobre mim. Olhamo-nos assustados. Tudo estava muito escuro.

- Calma, pessoal! Eu trouxe minha lanterna. Tinha trazido mesmo, só que esquecera das pilhas.

- Como que você apronta uma dessas Guilherme? Traz a lanterna e esquece as pilhas?

- Pelo menos eu me lembrei da lanterna e você? Nem lanterna trouxe.

- Não adianta querer ter razão. Você vacilou feio.

- Paulo, Guilherme parem com essa discussão. Agora não adianta nada. Tratem de falar baixo que eu ouvi um barulho.

- Barulho? Onde?

- Sei lá. Barulho a gente não vê, ouve, né mané?

- Psssssiu.... Silêncio. Estou ouvindo também – disse o Paulo – fiquem quietos e parados.

O barulho era de passos. Passos pesados parecendo de um gigante. Não que eu seja covarde, sou bastante homem, só que comecei a suar frio.

Agarramo-nos uns aos outros e nos escondemos atrás de uma pedra. Nem respirar, respirávamos, e o barulho de passos aumentando.

- Paulo, você trouxe seu carrinho de controle remoto? Perguntou o Lucas.

- Trouxe.

- Tire as pilhas, vamos ver se dá certo na lanterna. O Paulo pegou as pilhas e graças a Deus deu certinho. Jogamos a luz da lanterna em direção dos passos. Não conseguimos ver nada.

De repente surgiu uma luz como se fosse outra lanterna. Olhando melhor percebi que era uma tocha. Se era uma tocha alguém a estava segurando, afinal que eu saiba, tocha não anda sozinha. Quando comentei isso meus amigos deram um grito e saímos correndo. O Lucas deixou cair a lanterna. Peguei-a e pernas pra que te quero. Salve-se quem puder. Os passos começaram a correr também. Lembro que senti uma mão no meu ombro e uma voz falando:

- Membira! (filho) Meus pés ficaram presos ao chão. Não conseguia dar um passo à frente. Vi que meus amigos tinham se voltado e estavam brancos como o leite. Não tinha coragem de me virar. Não tinha mesmo. A mão apertou com mais força meu ombro e tornou a falar:

- Membira! Fosse o que fosse, resolvi encarar.

- Fala, o que foi? Quase desmaiei. Um índio de dois metros, só de sunga, estava à minha frente. Pensei: “Salve-me, meu Santo Antonio”. Não ia adiantar. A morte estava traçada para nós. Já podia até ver a notícia no Jornal da Manhã. “Meninos são brutalmente assassinados por um índio a machadadas”. Coitadinha da minha mãe, como iria sofrer. De pena da minha mãe, eu já estava quase chorando, quando ele falou novamente:

- Preciso encontrar Aracê Poranga, vocês a viram? Meu Deus, era o índio Dhui em pessoa. Quer dizer em espírito, eu acho.

- Não a vi, respondi.

- Mas você disse, membira, que quebraria a taça, que salvaria Aracê Poranga.

- Taça? Que taça?

- Essa, membira, do licor. Mostrou-me uma linda taça.

- Eu disse? Quando? Eu não disse nada!

- Você contou isso pra gente lá no colégio, lembra?

- Eu estava só imaginando. Fica quieto, cara. Depois de mais a mais, como é que o índio ia saber da nossa conversa, Lucas?

- Sei lá. Vai ver que o espírito vê e sabe tudo.
- Larga mão de ser cagão, Lucas. Espírito não existe.
- Não? E esse índio? É de verdade? É?
- Sei lá, como vou saber. Só vi índios em filme.
- Venham comigo.
- Não precisa, Dhui, estamos atrasados, precisamos encontrar nossos amigos.
- É, já vamos indo, até qualquer hora. Dhui ergueu a tocha, jogou-a longe, pegou seu arco e flecha, fez uma flecha voar sobre nossas cabeças e repetiu:

- Venham comigo, agora!
- Lucas... Lucas... – falou o Paulo baixinho.
- O que foi?
- Pum pesa?
- Claro que não, cara.
- Ai... Lucas, então fiz coco nas calças.
- Estão falando de índio, por que?
- Não estamos falando de você, Dhui, só estamos conversando e achamos que o melhor é irmos com você. Quem sabe conseguiremos ajudá-lo a encontrar o seu grande amor.

- Guilherme, você está louco?
- Fica frio, Lucas, tudo vai dar certo. Espero. – Nesse momento senti um braço forte erguendo-me no colo.

- Você foi mandado pelo deus Tupã, não foi membira?
- Pelo deus Tupã? Isso. Foi isso mesmo. Ele mandou-nos para ajudá-lo. Está arrependido de ter mandado o terremoto.

- Eu sabia que deus Tupã iria finalmente entender o meu amor. Venham. Vamos comigo. Só muito cuidado. Depois do terremoto, tudo virou uma grande escuridão. Só por quinze minutos podemos ver a luz do Sol. Depois desse tempo eu vejo Aracê Poranga com os braços estendidos esperando por mim, mas quando a estou alcançando o sol se esconde e não acho o caminho.

Depois da conversa que tivemos com ele, e do medo inicial, pude perceber que aquele índio era sangue bom. Tudo o que ele queria era encontrar sua amada. Como não tínhamos outra opção fomos atrás dele. Acendi a lanterna para clarear o caminho. Dhui deu um grito. Ajoelhou-se a meus pés e começou a falar.

- Membira! Você é o deus Sol!
- Eu?
- É, você ter o sol nas mãos. Você abençoado. Vem, meu pequeno deus sol. Vem para salvar Aracê Poranga. – Estufei o peito sentindo-me um super-herói.

- Ei, deus sol, dá a lanterna aqui.
- Qual é, Lucas, a lanterna é minha.
- Mas as pilhas são minhas, né?
- Não briguem, pequenos deuses. Venham com Dhui. – Depois de também ser chamado de deus, Lucas esqueceu da lanterna e eu fui à frente, clareando o caminho.

Dos dois lados só se viam ruínas, árvores secas, um cheiro horrível de animais mortos. Um pouco mais além vimos uma enorme claridade, linda, até ofuscava nossos olhos. Desliguei a lanterna. Não precisava dela. Dentro dessa luz, uma linda jovem de cabelos negros compridos, com as mãos estendidas como se esperasse por alguém. Ficamos olhando aquela luz. Dhui com passos rápidos correu em direção a ela. O estranho é que quanto mais ele avançava, mais a luz se afastava. Decidimos ir atrás dele. Não deu tempo de chegar. Voltou a escuridão parecendo mais forte ainda. Com a escuridão ouvimos uma doce voz que entre soluços falava:

- Dhui... Dhui... meu amor.

- Espera, Aracê, não vá embora! Membira, pequeno deus sol. Acende o sol, acende o sol rápido.
- Acendi a lanterna e joguei o feixe de luz em direção à voz. Lá estava ela novamente, linda... Dhui correu e tomou-a em seus braços. Fiquei tão emocionado que deixei a lanterna cair. Ela escorregou por uma fenda e a perdemos de vista. A escuridão voltou. Lucas e Paulo agarraram-se em mim e começamos a tremer quando ouvimos a voz de Dhui:

- Acordem! Dormiram sobre esse sol?

- Dhui... Dhui... eu falei.

- Que Dhui... sou eu, Guilherme! Acorde, pare de sonhar!

- Professor João? o que aconteceu?

- Aconteceu que estamos procurando por vocês há um tempão, e os três bonecos dormindo na sombra da árvore.

- Não, professor, nós caímos em um buraco. – Falei apressado.

- É, tinha um índio. – Disse o Lucas.

- Uma escuridão, professor, precisava ver.

- Escuridão, Paulo? Buraco? Índio? Ora meninos. Contem outra. Já para o ônibus. Estão todos esperando por vocês para irmos embora. – Ir embora, já? Quanto tempo ficamos dormindo? Será que dormimos mesmo? Abri minha mochila, o lanche estava todo ali e a lanterna havia sumido. Fomos seguindo o professor e conversando baixinho:

- Não pode ter sido sonho, Lucas, veja meu lanche está todo aqui e minha lanterna sumiu. – Estranho, o meu lanche também está aqui. – Disse o Lucas. – O meu não. – Retrucou Paulo.

- Claro, guloso, você comeu todo seu lanche antes de chegarmos ao Cálice, e até filou meu chocolate. Agora é melhor ir ao banheiro. Você está cheirando pum!

- Andem rápido, meninos, parem de cochichar. – Chegamos ao ônibus e recebemos uma vaia danada de todo mundo. Nem fiz questão de sentar na poltrona perto da janela. O pior foi quando o professor João falou que, por causa dos três bonecos, não passaríamos pela Lagoa Dourada. O Rafael olhou pra gente com a maior cara de satisfação do mundo. Tive que admitir. Na ida perdemos o vento por causa do cuspe dele, agora não conheceríamos a Lagoa Dourada por nossa culpa. Estávamos quites, não teria troco.

No outro dia na escola, a professora Magali pediu que sentássemos em duplas e fizéssemos um texto falando sobre o passeio do dia anterior. Vocês não vão acreditar. A Larissa veio sentar comigo. Disse que escreveríamos o texto juntos. Abri um sorriso de orelha a orelha. Só não gostei quando ela falou que faríamos uma poesia. Não sou muito chegado nesse tipo de texto, mas tudo bem, se era com ela, vamos à poesia:

A LENDA DA VILA VELHA

O azul do nosso céu era mais azul.
As estrelas cintilavam como a bailar.
No firmamento desse querido sul
O cenário não poderia mudar.

Itacueretaba cidade extinta de pedras,
Recanto escolhido para ser Abaretama.
Terra de homens destemidos,
Onde acontece uma triste trama.

Itainhareru preciso tesouro
Cuidadosamente escondido
Com a proteção do Tupã,

Era pelos Apiabas vigiado.

Apiabas, varões escolhidos
Entre os melhores homens da tribo
Para defender com sua vida
O tesouro tão cobiçado.

Aracê Poranga – Aurora da manhã.
Foi a jovem virgem escolhida
Para o coração de Dhui, conquistar
E o segredo do tesouro roubar.

Dhui, forte guerreiro, belo rapaz,
Não resistiu aos lindos encantos
Daquela linda Aurora da manhã
Por ela se apaixonou, perdeu sua paz.

Toda a sua força e valentia
Caíram aos pés da amada
Que com grande ousadia,
Preparou-lhe a grande cilada.

Com uma taça de Uirucur – licor dos abutiás,
Aracê Poranga queria a Dhui embebedar.
Mas o amor, também havia tomado seu coração,
E apaixonada, não foi capaz de tamanha traição.

À sombra de um Ipê, o amor aconteceu.
Dhui e Aracê se entregaram com paixão.
Aracê sentiu desfalecer seu coração,
E o veneno que só de Dhui tiraria a vida,
Também foi sua última despedida.

Com a alma solta no céu a voar,
Os dois amantes puderam enfim
Desfrutar de um grande amor
Que na terra não puderam realizar.

Tupã furioso com tamanha traição
Mandou um terremoto sobre a região.
Destruiu os ipês, destruiu o paraíso.
Tudo virou pedra, enorme escuridão.

Em cada forma que nas pedras surgia
Mesmo com a fúria de Tupã que se via,
Percebia-se que não acabaria a magia
De um amor que nem a morte destruía.

A professora elogiou a nossa poesia. Pediu que lêssemos para a turma e nos deu dez.
Cheguei em casa doido para mostrar a minha mãe o dez maravilhoso do nosso trabalho:

- Mãe! Mãe!

- Aqui na lavanderia, filho!

- Olha, tirei dez em redação!

- Que legal! Parabéns! Com certeza você mereceu. Olha, eu estava lavando roupa e peguei sua mochila do passeio de ontem. Pensei que pudesse ter alguma roupa suja. Foi bom. Você nem tocou no lanche que fiz. Só comeu os cinco chocolates. Assim você vai ficar doente, menino. Ah! Outra coisa. O que faz esta taça tão linda dentro da sua mochila? – Quando vi a mesma taça que no dia anterior estava nas mãos de Dhui, quase desmaiei.

Peguei a taça e corri ligar para meus amigos.

Precisávamos voltar ao parque.